

## **EDIFÍCIO PARTHENON CENTER: O DISCURSO DE UM TEMPLO PARA A DEUSA MODERNIDADE**

Eline Maria Moura Pereira Caixeta<sup>1</sup> (elinecaixeta@yahoo.com.br)  
José Renato de Castro e Silva<sup>2</sup> (eusoujoserenato@gmail.com)

### **Resumo:**

Resguardada a evolução temporal e cultural da humanidade, Goiânia, no decorrer de seu processo de criação e consolidação, revela alegorias que ora a distanciam, ora a aproximam das cidades gregas. Assim pode-se relacionar dois edifícios: O Partenon de Atenas – dedicado à deusa Atena e o Edifício Parthenon Center de Goiânia. O estudo do contexto urbano imediato ao Parthenon Center faz-se referenciado em Roland Barthes que proferiu o esboço sugestivo para discussões e pesquisas sobre semiologia e urbanismo. A história da arquitetura e da cidade é vista como um texto escrito pelos edifícios marcados pela memória e impregnado de significados. O principal intento é o da leitura desse discurso urbano, restringindo-se ao quadrilátero delimitado entre as ruas 3 e 4, que se estende desde a Avenida Araguaia até a Avenida Goiás, no núcleo histórico central da cidade de Goiânia, em sua conformação atual. Transitando pelos planos diretores a que foram submetidos a cidade, faz-se o resgate da história do edifício e dos componentes que contribuíram para caracterização da área em estudo. A morfologia urbana enunciada por Lamas pressupõe que a compreensão da forma não se resume à percepção dos seus aspectos sensoriais, embora seja evidente a importância dos sentidos e da cultura para a leitura da cidade. A leitura do quadrilátero desse discurso urbano, segundo os elementos da morfologia urbana, reforça a notoriedade do edifício do Parthenon Center no contexto da paisagem em Goiânia enquanto templo erigido para a deusa modernidade.

**Palavras-chave:** urbanismo; cultura arquitetônica; história da arquitetura e da cidade; memória e cidade.

---

<sup>1</sup> Arquiteta ARQ-UCG, Goiânia, 1986. Especialista em Arte e Cultura Barroca, IAC-UFOP, Ouro Preto, 1991. Doutora Arquiteta em História da Arquitetura e da Cidade, ETSAB-UPC, Barcelona, 2000. Professora adjunta. Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

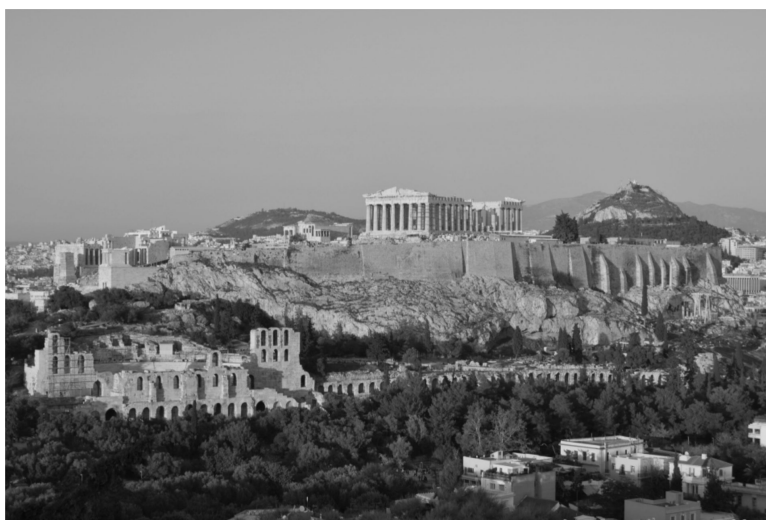
<sup>2</sup> Arquiteto ARQ-UCG, Goiânia, 1999. Especialista em Docência Universitária, UNIFAN, Ap. de Goiânia, 2007. Docente efetivo nível I. Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis. Docente efetivo auxiliar I. Curso de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia. Aluno regularmente matriculado no PPG Projeto e Cidade - Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFG. Artigo submetido à disciplina A cidade como questão, do PPG enquanto produto de conclusão da disciplina.

## 1. Introdução

A organização social e política das cidades gregas influenciaram diretamente na configuração de seus espaços urbanos. Segundo Lamas (2004, p.139), as necessidades de espaço, provenientes da concentração dos esparciatas delineavam e definiam a estrutura urbana. As cidades não apresentavam uma conformação espacial referenciada na exaltação de um poder centralizador, fato este justificado principalmente pelo próprio sistema social e político da democracia. Porém a distinção entre o centro (espaço principal) e as áreas residenciais era bastante evidente. A configuração dos espaços citadinos caracterizava-se por cuidadosa e precisa disposição do conjunto de edifícios públicos (associados às funções cívicas, comerciais, culturais e religiosas), enquanto que no tecido residencial observava-se uma simples, uniforme e modesta distribuição das habitações.

Lamas (2004, p.140), relata que estruturalmente, o espaço principal da cidade grega era o centro. O lugar onde estavam situados os bem cuidados edifícios públicos, cumulados de grande esforço coletivo e artístico, a contrariar o discurso de isonomia propagado pelos estadistas; a ratificar a ideia de que a concepção dessas cidades, até então, era exclusivamente significativa, uma forma de representação social. Em Atenas (a acrópole grega – em cota elevada), no século de Péricles (séc. V a.c.), congregava-se um conjunto de templos da chamada cidade alta e, dentre eles, destaca-se o Partenon. No centro da acrópole, os edifícios administrativos, monumentos e templos, que definiam a ágora (praça), apesar de dispostos de maneira assimétrica e aparentemente aleatória, foram construídos preservando distâncias e vazios que lhes garantissem visibilidade, fosse enquanto elemento da composição edificada ou elemento/edifício isolado (Figura 1).

Figura 1: Acrópole grega de Atenas



Fonte: <http://static.panoramio.com/photos/original/43258334.jpg>.

Compreendidas num vasto recorte temporal de mais de dois mil anos, desde as antigas cidades gregas, inúmeras e sucessivas experiências de planejamento e construção de

idades legaram à civilização ocidental, subsídios para a organização de seus espaços urbanos.

Em pleno cerrado brasileiro, aos 24 de outubro de 1933, a nova capital do estado de Goiás surgia como uma das cidades planejadas, sobretudo impulsionada pela vontade política de governantes empreendedores, fundamentados por discursos de modernidade.

Resguardada a evolução temporal e cultural da humanidade, Goiânia, no decorrer de seu processo de criação e consolidação, revela alegorias que ora a distanciam, ora a aproximam das cidades gregas.

A começar pelo que distancia Goiânia das pólis gregas, reporta-se ao seu traçado. Composto por três avenidas principais que convergem para uma praça central, o desenho proposto evidenciava a perspectiva do edifício sede do poder. O estadista demarcava seu território e reafirmava seu “domínio” pelo próprio traçado. Diferentemente, a conformação do traçado das cidades gregas não se referenciava a um edifício específico que representasse o poder. Outra questão que distingue a configuração urbana de Goiânia frente às cidades gregas é bastante evidente: a topografia. As estruturas urbanas gregas eram estrategicamente implantadas com suas acrópoles em colinas rochosas, a fim de garantir proteção contra invasores, ao mesmo tempo em que acentuava o valor simbólico daquele espaço para a cidade. Em oposição, Goiânia foi implantada em uma região de topografia suave. Àquela época (1937), segundo Lévi-strauss (1957, apud. MELLO, 2006, p.32) a cidade era como “uma planície sem fim” (Figura 2).

**Figura 2: Cidade de Goiânia – Vista aérea (1957)**



Fonte: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/GO24686.jpg>.

Partindo para o que aproxima Goiânia das antigas cidades gregas, percebe-se que, em ambas, o centro (lugar de encontro e reunião de pessoas para o exercício da cidadania) preservava o seu desenho, distintamente das malhas ortogonais definidas para o tecido residencial limítrofe.

Finalmente, alcançando o objeto desse estudo, relaciona-se dois edifícios, fazendo a alusão ao templo da Acrópole de Atenas: O Partenon – dedicado à deusa Atena (Figura 3).

Figura 3: Partenon – Templo grego



Fonte: <http://rwrant.co.za/wp-content/uploads/2010/04/The-Parthenon-Acropolis-Athens-Greece.jpg>.

Em Goiânia, no centro da cidade sem acrópole, também foi erigido um Partenon, cujo destaque e visibilidade que a topografia impossibilitava, ele mesmo, com sua tecnologia construtiva, viabilizou ascendendo-se ao céu. O Edifício Parthenon Center de Goiânia surge como um templo para a deusa modernidade (Figura 4).

Figura 4: Edifício Parthenon Center - Goiânia



Fonte: José Renato de Castro e Silva, 2014.

## 2. A CIDADE COMO DISCURSO

O estudo do contexto urbano imediato ao Edifício Parthenon Center referencia-se em Roland Barthes – escritor e semiólogo francês, que, em uma de suas palestras, proferiu o esboço sugestivo para discussões e pesquisas sobre semiologia e urbanismo.

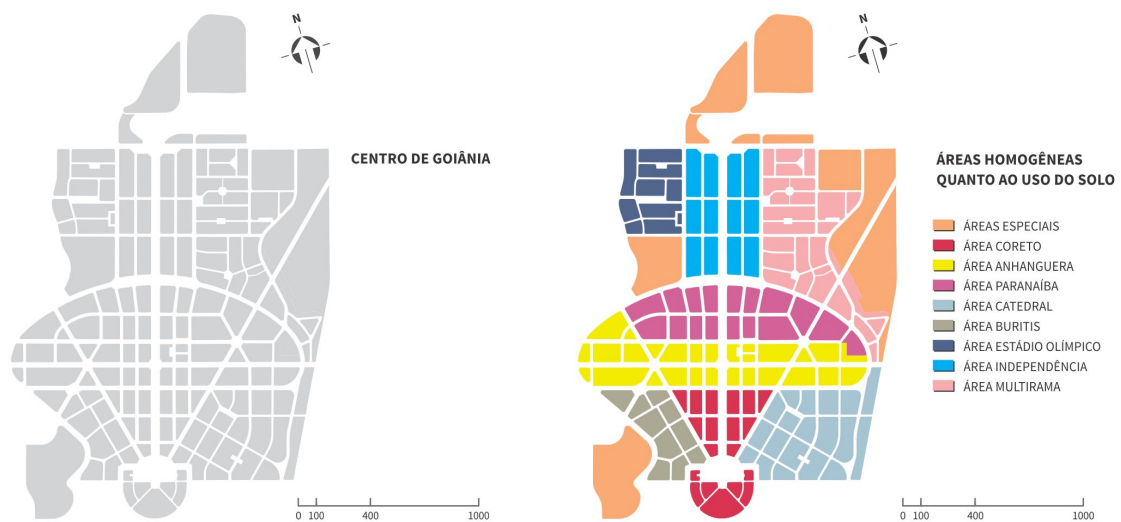
Barthes inicia sua fala sob a alegação de que o espaço humano, seja ele urbano ou não, sempre foi significativo, inclusive referenciando também, o espaço da cidade grega de Atenas. O semiólogo aponta, ainda, Victor Hugo como “Um dos autores que melhor exprimiu essa natureza essencialmente significativa do espaço urbano” (BARTHES, 2001, p.221), que concebe o monumento e a cidade como uma escrita do homem no espaço. Segundo Barthes,

se se deseja empreender uma semiologia da cidade, a melhor abordagem, a meu ver, como aliás para todo empreendimento semântico, será uma certa ingenuidade do leitor. Deveremos ser numerosos a tentar decifrar a cidade onde nos encontramos, partindo, se for necessário, de uma relação pessoal. (BARTHES, 2001, p.221)

O tema deste trabalho deriva desta afirmação: a cidade como um discurso (uma escrita). Seu principal intento é o da leitura desse discurso urbano, restringindo-se ao quadrilátero delimitado entre as ruas 3 e 4, que se estende desde a Avenida Araguaia até a Avenida Goiás, no núcleo histórico central da cidade de Goiânia, em sua conformação atual.

Segundo Projeto Goiânia 21 – Operação Centro, desenvolvido pela empresa de consultoria em arquitetura, engenharia e urbanismo – GrupoQuatro, pressupõe-se, a partir da análise da organização do uso do solo, a existência de nove áreas homogêneas no centro de Goiânia, considerando a tipologia das atividades a elas inerentes (Figura 5).

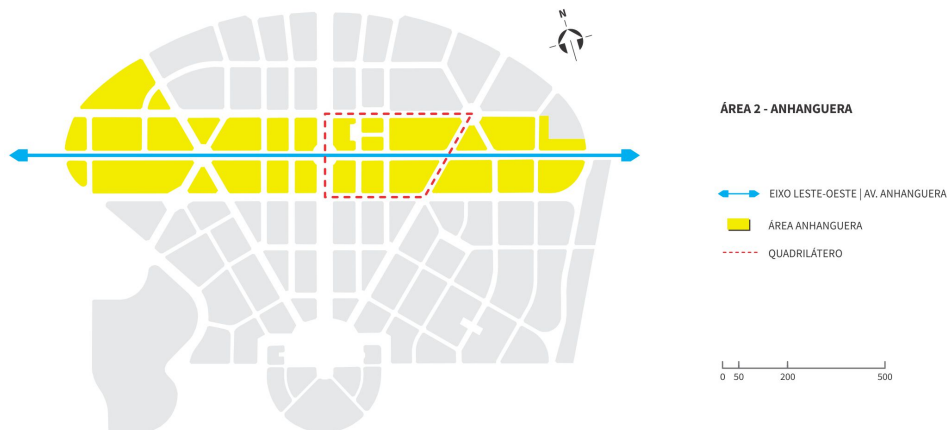
**Figura 5: O centro de Goiânia em 9 áreas homogêneas**



Fonte: Projeto Goiânia 21 – Operação Centro, Grupoquatro. Redesenho de José Renato de Castro e Silva, 2014.

O recorte físico do quadrilátero a ser lido neste trabalho está inserido na Área 2 – Anhanguera, assim designada no Projeto Goiânia 21. Trata-se de uma área de atividades econômicas intensas, fomentadas principalmente pelo grande fluxo de passageiros do eixo de transporte coletivo leste-oeste da cidade (Figura 6).

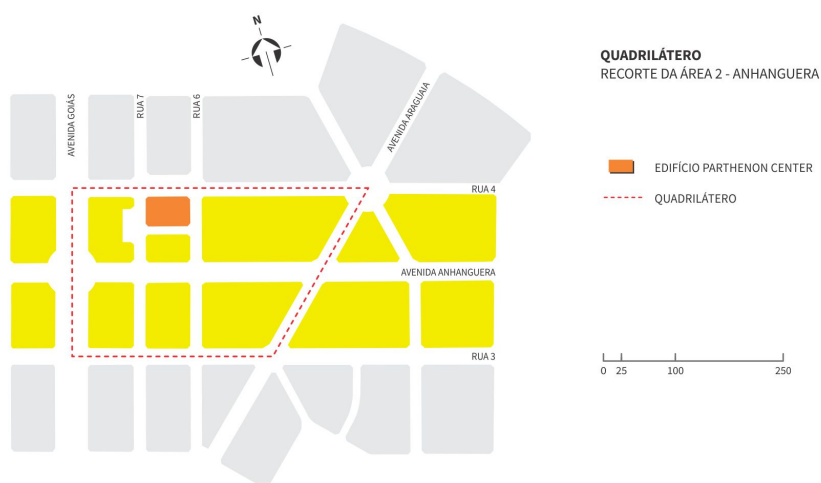
Figura 6: Mapa da Área 2 - Anhanguera



Fonte: José Renato de Castro e Silva, 2014.

A adoção deste quadrilátero se justifica pela presença do Edifício Parthenon Center, tido aqui como um dos representativos elementos constitutivos do texto edificado da cidade e que, por esta razão, compõe a imagem de Goiânia ao mesmo tempo em que permeia o imaginário de seus habitantes (Figura 7).

Figura 7: Quadrilátero em estudo



Fonte: José Renato de Castro e Silva, 2014.

Clareando os conceitos de imagem e imaginário reporta-se à afirmação de Ferrara onde a autora argumenta que

a imagem é um código urbano e impõe uma leitura e uma fruição que estão claramente inscritos na cidade enquanto espaço construído. Ao contrário, o imaginário corresponde à necessidade do homem de produzir conhecimento pela multiplicação de significados (FERRARA, 2000, p.118).

Assim o Parthenon Center converte-se, com seus elementos distintivos: volumes, texturas, formas, localização, tipologia e usos, em mais um objeto a conformar o espaço construído do Core da cidade, destacando-se como um signo na paisagem e assumindo a

representação de uma nova tipologia arquitetônica notoriamente influenciada pela arquitetura moderna.

### 3. O SUJEITO DO DISCURSO

Compreender o papel desempenhado por um edifício como o Parthenon Center no contexto da cidade, prescinde de um olhar sobre o processo de crescimento e mudanças de Goiânia, orientados por seus planos diretores.

Segundo Amaral (2008) A cidade ao longo de sua história foi objeto dos seguintes planos: Plano de Atílio Corrêa Lima (1933-1935), de inspiração neoclássica e traçado simbólico, continuado por Armando de Godoy (1936-1938), com a incorporação de conceitos de cidade-jardim; Plano de Ewald Janssen (1952-1954), que previa a expansão da cidade por núcleos satélites; Plano de Luís Saia (1958-1962), com um partido de cidade compacta formada por pólos distribuídos no prolongamento da Avenida Anhanguera e, a proposta de redistribuição de serviços e equipamentos urbanos; Plano de Jorge Wilhelm (1968-1971), baseada em uma concepção “desenvolvimentista”, racionalizando e estruturando a cidade de maneira modular; Plano de Desenvolvimento Integrado da Engevix (1992), que promove uma leitura interdisciplinar da cidade construindo projetos operacionais que organizem o espaço urbano existente; Finalmente o Plano Diretor da SEPLAN (2006), referenciando-se em dois critérios básicos: desenvolvimento sustentável e planejamento estratégico.

Conforme aponta Oliveira (2001), o Plano de Luís Saia apresentava consonância com as questões urbanas levantadas pelos CIAMs (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), e fez reverberar as discussões sobre o *Core* da cidade

nas opiniões divergentes sobre o que seja o *Core* de uma cidade, uma praça, um agenciamento, uma área, um centro; um ponto de encontro das artes e da cultura, um centro de reuniões do povo para manifestações coletivas, etc. De qualquer modo há uma unanimidade de opiniões sobre a condição do *Core* somar às eventuais funções, comerciais, artísticas e culturais, políticas, a função de representar simbolicamente a cidade e assumir um aspecto peculiar, facilmente identificável, facilmente encontrável, facilmente interpretável. (Saia, Plano Diretor de Goiânia, 1962, apud. OLIVEIRA, 2001, p.10)

Era propósito do plano de Luís Saia a recuperação das ruas internas das quadras centrais previstas por Atílio e construção de edifícios laminares que garantissem boa aeração e iluminação ao ambiente urbano, além do incentivo à verticalização com a liberação do índice aproveitamento da construção (10 vezes a área do lote), embora a verticalização do centro tenha se efetivado na vigência do plano subsequente, de Jorge Wilhelm.

Neste cenário, em que a cidade deveria apresentar soluções a seus próprios problemas que o edifício do Parthenon Center, inaugurado em 1976, distinguiu-se dos demais edifícios da época, tanto pelo aspecto formal, quanto pelas funções que abrigara. Foi o primeiro edifício-garagem da cidade que, além de estacionamento, ofereceria, também, uma galeria comercial térrea, salas para escritórios distribuídas nos pavimentos e um terraço jardim. Erigido

no lugar do antigo Mercado municipal de Goiânia, o Parthenon Center deveria incorporar ao seu programa as atividades de seu precursor, o que infelizmente não ocorreu. Este fato trouxe prejuízo para o centro e, sobretudo, para a significação que se fez do próprio edifício. Tradicionalmente, os mercados são lugares significantes para as cidades e, estando no centro, reforça a percepção Barthesiana de que

a cidade é o lugar de encontro com o outro, e é por essa razão que o centro é o ponto de reunião de toda a cidade; [...] o centro da cidade é sempre vivido como o lugar de troca das atividades sociais e eu diria quase das atividades eróticas no sentido amplo do termo. [...] Naturalmente, é preciso, principalmente para a cidade, procurar a cadeia metafórica, a cadeia que substitui Eros. É preciso procurar mais particularmente do lado das grandes categorias, dos outros grandes hábitos do homem, por exemplo, a alimentação, as compras que são verdadeiramente atividades eróticas na sociedade de consumo (BARTHES, 2001, p.229).

O que nos diria a história do Parthenon Center, caso o Mercado Municipal de Goiânia tivesse sido efetivamente instalado em suas dependências? A estranheza da população frente à nova tipologia, talvez pudesse ter sido minimizada pela presença do signo do mercado agregado ao próprio arranha-céu (Figura 8).

Figura 8: Parthenon Center - Goiânia



Fonte: José Renato de Castro e Silva, 2014.

E se “o desafio visual da percepção da cidade é proporcional à familiaridade com que se desenvolve a relação diária do usuário urbano com aqueles elementos” (FERRARA, 2000, p.119), quanto melhor se reconhece, descreve e identifica a imagem da cidade, mais se aproxima das suas próprias qualificações como imagem edificada, conclui-se que e a vivência da dinâmica do espaço central de Goiânia atribuiu ao Parthenon Center, no decorrer do tempo, o seu valor enquanto importante edifício para a cidade.

#### **4. A LEITURA DO DISCURSO**

O estudo aqui proposto se utiliza da obra de Lamas (2004) sobre a morfologia urbana, como aporte e base. O autor argumenta que a leitura da cidade se dá primeiramente



pelo viés físico-espacial e morfológico, que permite destacar a diferença entre os espaços, formas e características próprias de cada trecho urbano.

Para ele, a inter-relação das formas urbanas com fenômenos que lhes deram origem é conhecida por morfologia. Exatamente por essas relações, que a morfologia pode definir e contribuir para a compreensão da paisagem da cidade. É como dividir as orações e as frases de um discurso, analisando a maneira como as palavras se estruturam, a fim de atribuir determinado significado. De maneira similar, dividindo a forma urbana em partes (elementos morfológicos - unidades físicas que se associam e se estruturam para definir a forma) e estudando a articulação desses elementos entre si, e com o conjunto que definem, torna-se possível a sintaxe da imagem da cidade.

Os elementos morfológicos são semelhantes: rua e praça, edifícios, fachadas e planos marginais, monumentos isolados. As diferenças resultam do modo como esses elementos se posicionam, se organizam e se articulam entre si para constituir o espaço urbano (Lamas, 2004, p.48).

Segundo o autor, a compreensão da forma não se resume à percepção dos seus aspectos sensoriais, embora seja evidente a importância dos sentidos e da cultura para a leitura da cidade. No meio urbano o homem está sujeito a vários estímulos dentre os quais se pode citar: sons, cheiros, calor, luz, estímulos visuais e climáticos. A visão é o sentido que mais contribui para a construção da imagem da cidade, embora pressuponha o movimento.

Um movimento pela cidade, que possa favorecer sua própria leitura, deve considerar escalas que segmentam a forma urbana. As três escalas de apreensão do espaço, definidas por Lamas, recorta o espaço em três dimensões e os ordenam racionalmente, a partir de conteúdos funcionais, urbanísticos e culturais.

Assim como Barthes (2001), também Lamas (2004) insinua uma possível abordagem da arquitetura (edifício e cidade) enquanto linguagem.

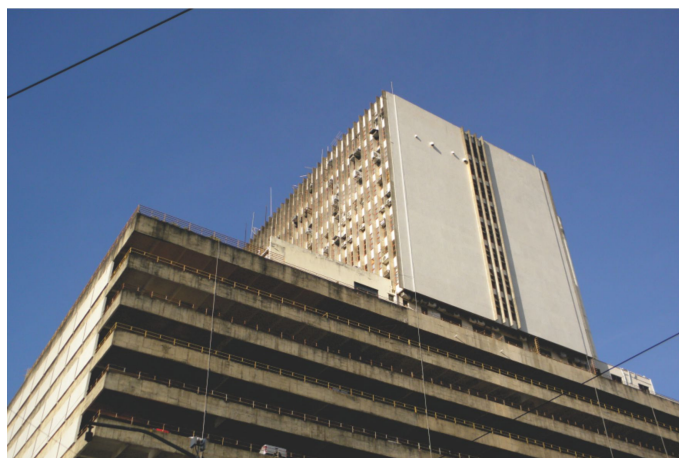
Recorrendo a analogias estruturalistas da semiologia e com alguma prudência, poderia comparar a linguagem arquitetônica e os elementos morfológicos dos edifícios com a linguagem literária, na qual existem o texto e as palavras. Estas articulam-se e posicionam-se para formar frases e ideias. Para transmitir uma ideia num texto, existem várias possibilidades lingüísticas, literárias, de estilo e de forma, tal como o mesmo edifício ou programa pode ser organizado e construído com formas e "linguagens" arquitetônicas diversas (p.80).

Para se alcançar tal abordagem, este estudo ateu-se aos elementos mínimos da forma urbana, definidos por Lamas, que serão, a partir daqui, enumerados e relacionados ao contexto urbano do Edifício Parthenon Center.

O solo – o pavimento: O uso do solo exhibe uma ocupação densa nos primeiros pavimentos destinados às garagens. Os demais pavimentos se desenvolvem com uma configuração laminar, conforme previsto no plano de Luís Saia. Quanto às pavimentações, nas atuais imediações do edifício é marcante a degradação das mesmas. O espaço público de

circulação de pedestres e a interação entre o edifício e a cidade não promove a continuidade dos espaços (Figura 9).

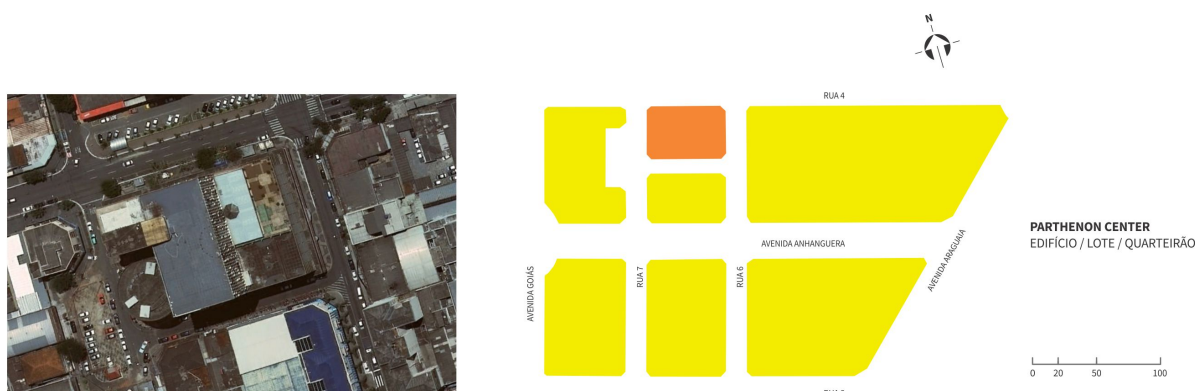
**Figura 9: Vagas de garagem e torre laminar**



**Fonte: José Renato de Castro e Silva, 2014.**

O edifício / o lote – a parcela fundiária / o quarteirão: O Parthenon Center destaca-se na paisagem, principalmente por sua proporção, composição formal e função. Seu apelo formal e tecnológico valoriza sua imagem enquanto referência da modernidade para Goiânia. Seu lote, seu quarteirão e ele como edifício, se confundem enquanto fração do território da cidade. A relação de público e privado que sua parcela fundiária estabelece, de certa forma se dilui no térreo-galeria. É possível atravessar o edifício caminhando, encurtando distâncias. A projeção dos pavimentos de garagem segue praticamente o rebatimento da forma do “lote” que ocupa. O quarteirão que ocupa fez surgir em torno de si uma “alça” de vias vicinais que o contornam e garantem acesso às suas garagens, em um lugar com fluxo de veículos menos intenso, o que converge também para os apontamentos do plano de Saia (Figura 10).

**Figura 20: Parthenon Center – três elementos coincidentes**

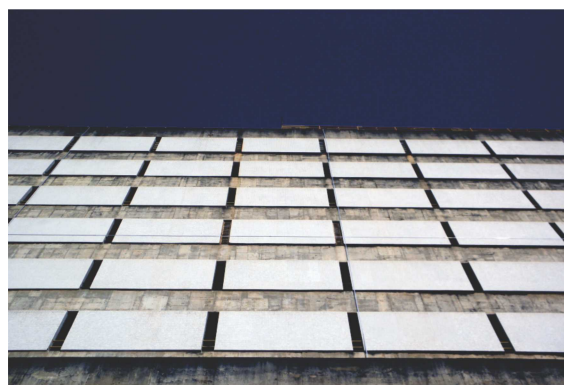


**Fonte: José Renato de Castro e Silva, 2014.**

A fachada, o plano marginal: Se o edifício se comunica pelas fachadas com o espaço urbano da rua, no Parthenon Center essa comunicação é prejudicada pela proporção do edifício e das ruas que o cercam. Por se confundir com o próprio quarteirão, suas quatro

fachadas se voltam às ruas, porém, apenas duas delas, pelos seus distanciamentos em relação às testadas opostas, favorecem a comunicação com a cidade. Assim, a composição formal do edifício, sua estrutura e outros elementos em concreto aparente, e as texturas das superfícies de fechamento, ficam menos apreensíveis enquanto linguagem arquitetônica. Segundo Pallasmaa (2011), existe uma relação direta entre a materialidade e a temporalidade. “Os materiais naturais – pedra, tijolo, madeira expressam sua idade e história, além de nos contar suas origens e seu histórico de usos pelos humanos” (p.30). Também o concreto aparente reporta a essa temporalidade. A ação do tempo na superfície do concreto reafirma sua essência física e estimula o sentido do homem (Figura 11).

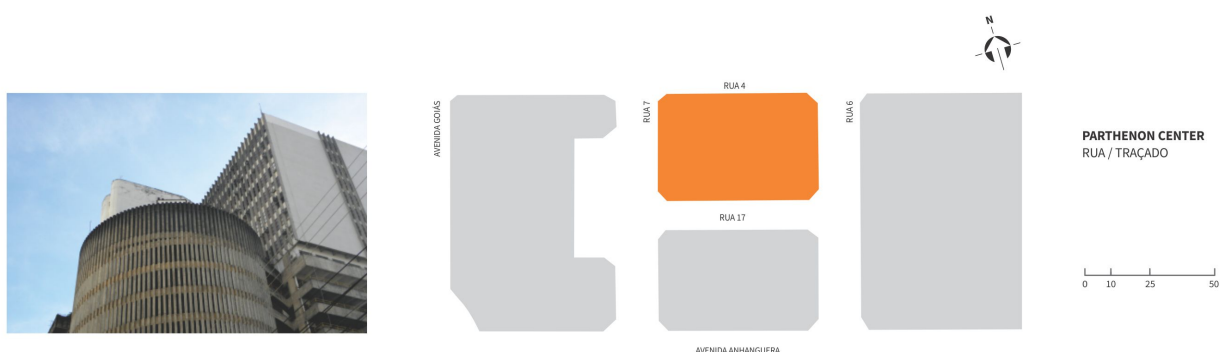
**Figura 31: Parthenon Center – fachada cortina**



Fonte: José Renato de Castro e Silva, 2014.

O traçado – a rua: Circunscrito pelas ruas 6, 17, 7 e 4 o Parthenon Center, em seus sete primeiros pavimentos-garagem, constituiu-se como um prolongamento da rua. A rampa do estacionamento (duas hélices sobrepostas) engenhosamente resolve subida e descida às garagens. Num volume cilíndrico translúcido resolve a iluminação, exaustão e a estrutura do acesso. A galeria de lojas no térreo cria ruas internas para o trânsito de pedestres, inter-relacionando espaços públicos e privado. A permeabilidade do edifício poderia ser melhor explorada em relação ao próprio traçado do centro, aproximando-o qualitativamente da Avenida Anhangüera (Figura 12).

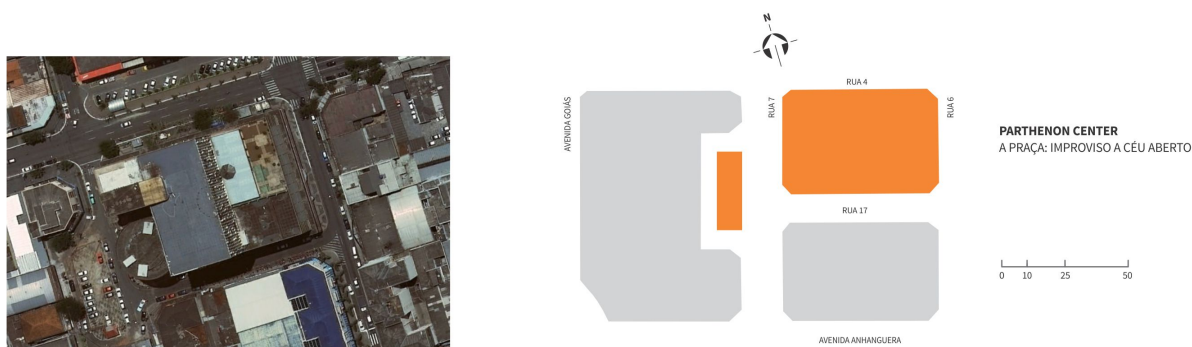
**Figura 42: a rua se estende pela rampa**



Fonte: José Renato de Castro e Silva, 2014.

A praça: Segundo Lamas, “No novo urbanismo atualmente, o recurso ao desenho de praças tem sido por vezes um logro, na medida em que o desenho do espaço não é acompanhado pela qualificação e significação funcional” (LAMAS, 2004, p.102). A praça da rua 7 (Praça P. Felicíssimo do E. Santos) a sudoeste do edifício, é a materialização do argumento de Lamas. Infelizmente ela deixa de ser o lugar do encontro, permanência, práticas e manifestações sociais para se tornar estacionamento improvisado a céu aberto (Figura 13).

**Figura 53: a rua se estende pela rampa**



Fonte: José Renato de Castro e Silva, 2014.

O monumento: O Parthenon Center, por sua própria escala e proporção poderia ser considerado um monumento. Somado a isso, o edifício assume a monumentalidade no nome, com todo seu significado. Responsável pela ruína do comércio que ocorria no antigo mercado da cidade, desde sua origem, teve de conviver com certo estigma de ameaça à história de Goiânia. No entanto, ousou provar o contrário e apenas construiu uma nova parte da história, tornando-se uma referência de modernidade (Figura 14).

**Figura 64: Silhueta dos pavimentos de garagem**



Fonte: José Renato de Castro e Silva, 2014.

Árvore e vegetação / mobiliário: Até mesmo na aridez, o Parthenon remete ao Partenon. As árvores e a vegetação inexistem na paisagem grega, e quase se repete ao redor do Parthenon. A zelar pelo bem estar do transeunte, apenas o próprio monumento sombreia as

ruas ao seu redor. Como classificou Lamas (2004, p. 108), os elementos “parasitários” invadem e se colam às estruturas edificadas. São os letreiros das fachadas, ou a “parafernália de anúncios” que se fixa no “amálgama de edifícios”, também descrita por Mello (2006, p.137). Um olhar incauto poderia não perceber o mobiliário urbano a equipar o ambiente que circunda o edifício, talvez porque o equipamento mais comum, de tão apelativo passe até despercebido (Figura 15).

**Figura 75: O edifício a arborizar**



Fonte: José Renato de Castro e Silva, 2014.

Portanto, a experiência ambiental do território urbano pressupõe conhecer, articular e desagregar continuamente os elementos morfológicos, num exercício pessoal, e como bem destaca Barthes, “Neste esforço de abordagem semântica da cidade, devemos tentar compreender o jogo dos signos, compreender que qualquer cidade é uma estrutura, mas que nunca se deve tentar ou querer preencher essa estrutura (BARTHES, 2001, p.231).

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A leitura do quadrilátero desse discurso urbano em estudo, segundo os elementos da morfologia urbana, reforça a notoriedade do edifício do Parthenon Center no contexto da paisagem em Goiânia. A apreensão da imagem do edifício, mesmo que parcial, é possível, a partir de inúmeros pontos do percurso, dada sua imponência e seu porte. De longe, não se pode apreendê-lo em sua totalidade, próximo a ele, suas dimensões monumentais não o fazem caber no olhar. É preciso circular em variados percursos, andar em torno dele. Existe sempre um enquadramento possível a emoldurar o templo.

Segundo Eco encontra-se, nos estudos de prossêmica, a ideia de que “o espaço fala. A distância a que me ponho de outra pessoa, que comigo mantém um relacionamento qualquer, carrega-se de significados que mudam de civilização para civilização” (ECO, 1991, p.234). Eco aponta ainda que a prossêmica distingue entre três tipos de manifestações: culturais, pré-culturais e microculturais. As manifestações microculturais, por sua vez são distinguíveis em três configurações, sendo elas fixas, semifixas e informais. “Configurações

fixas: estão entre as que reconhecemos como habitualmente codificadas; por exemplo, os planos urbanísticos, com a definição dos blocos prediais e suas dimensões” (BARTHES, 2001, p. 236). E se fosse possível mencionar a prossêmica relacionando-a entre os edifícios do entorno poderia se observar que poucos são os que superam o patamar de quatro pavimentos, o que permite inúmeras visuais ao edifício do Parthenon Center, no percurso do quadrilátero (Figura 16).

Figura 86: “Prossêmica” entre edifícios



Fonte: José Renato de Castro e Silva, 2014.

Os espaços que mantêm os edifícios ao redor do Parthenon Center estabelecem relações significantes com o mesmo. Relações construídas ao longo do tempo e decorrentes de diferentes planos diretores. Não ousaram avançar, sequer se ergueram disputando o espaço aéreo. Seriam essas relações de respeito, admiração, incompreensão? Quiçá indiferença.

#### REFERÊNCIAS:

- AMARAL, Camilo Vladimir de Lima. **Por um Urbanismo Pós-Crítico: A Inserção da Poiesis nas Ciências Aplicadas ao Urbano**, Belo Horizonte, 2008.
- BARTHES, R. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ECO, U. **A estrutura ausente: introdução a pesquisa semiológica**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FERRARA, L. D'A. **Os significados urbanos**. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2000.
- LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- MELLO, M. M. de. **Goiânia: cidade de pedras e de palavras**. Goiânia: Ed. Da UFG, 2006.
- PALLASMAA, J. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- OLIVEIRA, A. M. V. de. Plano Diretor de Goiânia - Luis Saia- 1962. **Revista de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás**, Anápolis, v. 1, p. 29-48, 2001.
- PROJETO GOIÂNIA 21: Operação Centro**. Goiânia: Instituto de Planejamento Municipal da Prefeitura de Goiânia, 1997.
- PROJETO GOIÂNIA 21: Operação Centro Etapa 2**. Goiânia: Grupo Quatro S/C LTDA. et al, 1998.